

## A REPRESENTAÇÃO DE VELHOS ARTESÃOS EM LOCAIS TURÍSTICOS: O CASO DA REVISTA *CLAUDIA* (1990 E 2000)

DÉBORA PIRES TEIXEIRA<sup>1</sup>

ORCID – 0000-0002-3143-8676

DAN GABRIEL D'ONOFRE ANDRADE SILVA CORDEIRO<sup>2</sup>

ORCID – 0000-0003-4648-3987

ALAN TAVARES SILVA<sup>3</sup>

ORCID – 0000-0001-6153-0951

Recebido em 23.07.2022

Aprovado em 26.10.2022

### Resumo

O objetivo da pesquisa é conhecer a representação de velhos em locais turísticos marcados por práticas artesanais, tendo como referência as reportagens veiculadas pela revista *Claudia*, nas décadas de 1990 e 2000. Metodologicamente, configura-se como um estudo de delineamento qualitativo e de caráter documental. Em um recorte temporal de quatorze anos (1997-2010) foram selecionadas cinco reportagens tratadas pela proposta metodológica de Mendes (2013) para imagens fixas em textos multimodais. Como resultados, nota-se que as reportagens acionam imaginários sociais que ligam o velho à memória coletiva, à tradição e ao fazer manual, mas, ao mesmo tempo, incorporaram ideais produtivos atuais ligados à noção de Envelhecimento Ativo e ao “novo velho”.

**Palavras-chave:** Velhice. Memória. Saberes Tradicionais. Turismo. Revista *Claudia*.

## THE REPRESENTATION OF OLD ARTISANS IN TOURIST LOCATIONS: THE CASE OF REVISTA *CLAUDIA* (1990 AND 2000)

<sup>1</sup> Doutora em Economia Doméstica (UFV). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil, [deborapires@ufrj.br](mailto:deborapires@ufrj.br)

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFFRJ). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil, [donofretur@gmail.com](mailto:donofretur@gmail.com)

<sup>3</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Belas Artes. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil, [alan.at487@gmail.com](mailto:alan.at487@gmail.com).

## Abstract

The objective of the research is to know the representation of old people in tourist places marked by artisanal practices, having as a reference the reports published by *Claudia* magazine, in the 1990s and 2000s. Methodologically, it is configured as a study of qualitative design and of documentary character. . In a time frame of fourteen years (1997-2010), five reports were selected treated by the methodological proposal of Mendes (2013) for still images in multimodal texts. As a result, it is noted that the reports trigger social imaginaries that link the old to collective memory, to tradition and to manual work, but, at the same time, they incorporated current productive ideals linked to the notion of Active Aging and the "new old".

**Keywords:** Old age. Memory. Traditional Knowledge. Tourism. Revista *Claudia*.

## 1. INTRODUÇÃO

No livro *A velhice*, Beauvoir (1976) narra à exclusão dos velhos nas sociedades eurocêntricas e denuncia o silenciamento da velhice. Para a autora, pautada na lógica capitalista que mede o valor do ser humano em relação à sua produtividade, a maioria dos velhos possuía um padrão de vida tão miserável que a maior parte dos indigentes era constituída por velhos. Assim, “a velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (...), pois “os velhos não constituem nenhuma potência econômica, não dispõe de recursos para fazer valer seus direitos (...)” (BEAUVOIR, 1976, p.5-8).

Se, em 1970, Beauvoir denunciou a conspiração do silêncio sobre a velhice, em 2004, Debert relata o seu processo de evidenciação no contexto brasileiro do final do século XX. A alteração do *status* do velho<sup>4</sup> ancora-se no envelhecimento demográfico, na universalização do direito da aposentadoria, na elevação dos valores das pensões e salários dos aposentados, na criação e no aprimoramento da legislação específica, na política de “Envelhecimento Ativo” preconizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), na difusão dos programas de terceira idade e no reconhecimento desse grupo etário como um potencial consumidor.

---

<sup>4</sup> A opção pelo termo “velho” nesse artigo perpassa pela reflexão produzida a respeito do uso de eufemismos (“idoso”, “melhor idade”, “terceira idade”) na tentativa de obscurer o idadismo e a compreensão da velhice como um problema social.

É nesse contexto que a velhice assume novos contornos. Segundo Barros e Castro (2002) e Debert (2004) o “novo velho” é sujeito ativo, autônomo e independente, cuja disposição, capacidade funcional e vitalidade são mantidas pela adoção de novas formas de consumo, consideradas saudáveis e ativas no combate do envelhecimento. São aqueles sujeitos com renda e disposição suficientes para empreender novos projetos e viver experiências inéditas, ligadas ao plano da carreira, afetivo ou do lazer.

Todas essas mudanças na forma de se perceber e representar a velhice impactou sua representação midiática, o que pode ser conferido também nas revistas segmentadas, como é o caso de *Claudia*. Até o ano de 2004, o velho era invisibilizado e sub-representado, ocupava pequenos espaços na revista, aparecia em fotografias de tamanho reduzido e a temática da velhice era censurada nas reportagens. A representação da velhice, em sua maioria, associava-se a fatos relacionados a trajetórias profissionais. A invisibilidade do velho se dava, sobretudo, nos espaços mais direcionados ao consumo, desprezando-o enquanto potencial consumidor, como se esse público fosse incapaz de consumir.

Na década de 2000, a efetivação do Estatuto do Idoso, em 2004, representou um marco do enquadramento da velhice em *Claudia*. As reportagens e entrevistas com velhos prestigiosos tornaram-se mais frequentes, ilustradas por imagens maiores e localizadas em espaços de destaque e notoriedade. A partir desse ano, a temática da velhice foi incluída entre os assuntos debatidos pelo periódico, abrangendo histórias e trajetórias de sujeitos anônimos. Assim, a representação da velhice em *Claudia* migrou para produção de imagens de atividade, participando da constituição do “novo velho”.

No periódico, o perfil do “novo velho” também esteve associado à continuidade da vida laborativa que incluíam atividades culturais tradicionais, como a culinária e o artesanato, sobretudo em reportagens sobre o turismo presentes nas seções *Casa* e *Atualidades*. Nesses espaços, o velho era responsável pela preservação e transmissão de costumes às gerações mais novas. Nessa perspectiva, são essas atividades de educação das tradições que mantêm o velho ativo e garantem sua permanência no mercado de trabalho fazendo com ele se aproxime do perfil do “novo velho”.

Sendo *Claudia* a terceira revista feminina mais antiga do Brasil, com relevante circulação, continuidade de publicação e com a maior audiência entre as mulheres com mais de 55 anos (que compõem mais de 41,6% de seu público, segundo dados fornecidos

pela editora Abril, 2020), a revista configura-se como um *locus* privilegiado para o estudo das representações da velhice, o que inclui aquelas ligadas a memória e a tradição.

O objetivo da presente pesquisa é conhecer a representação de velhos em locais turísticos marcados por práticas artesanais, tendo como referência as reportagens veiculadas pela revista *Claudia*, nas décadas de 1990 e 2000.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Alves (2017), a participação dos velhos nos lugares de socialização, manifestações socioculturais e a utilização de saberes tradicionais no cotidiano faz com que haja constante atividade, interação e trocas de experiências nesta etapa da vida. Nesse sentido, criando e recriando assim seus modos de viver de acordo com sua integração, dando sentido aos seus modos de ser, pensar, agir e viver.

Pesquisas sobre a representação social da velhice apontam para experiência como o grande ganho do velho. Na visão de Rougemont (2012), o envelhecimento associado à experiência faz parte da formação pessoal e por isso representa um ganho. O conhecimento que só pode ser conquistado ao longo dos anos de vida seria, portanto, uma vantagem a ser valorizada.

Os fatores positivos que designam o envelhecimento são referentes ao intelecto. Visto como trajetória de vida, o envelhecimento é experiência, conhecimento adquirido por tudo que foi vivenciado ao longo da vida. Desse modo, o acúmulo de conhecimento será um elemento positivo na velhice, pois trará a sabedoria e, apesar das perdas físicas, envelhecer teria como recompensa ganhos intelectuais: a experiência, a sabedoria e a maturidade (ROUGEMONT, 2012).

Segundo Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999), palavras experiência e sabedoria, como conteúdos representacionais da velhice, são alguns dos poucos atributos dessa etapa da vida que exemplificam objetivos e conquistas positivas, e que são valorizadas socialmente. Assim, representa um reforço ao papel social da pessoa idosa como aquele de vetor de transmissão de conhecimentos às gerações mais novas. A noção de experiência justifica a participação social do idoso como transmissor de conhecimentos, da sua sabedoria.

Viera (2015), em um estudo sobre representações sociais da velhice, encontrou enunciações consideradas positivas, como: experientes, podem contribuir, merecem respeito, sábios, contribuíram para o presente, amorosos, têm conhecimento, guerreiros, amigos, alegres, geram sentimento de carinho, exemplares, maduros. Bobbio (2002, p. 73) afirmou que: “O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção”. Para o autor:

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. (...) Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. (...) A dimensão na qual o velho vive é o passado (BOBBIO, 1997, p.30).

Dessa maneira, a memória dos idosos torna-se um mediador entre a geração atual e as testemunhas do passado, funcionando como um instrumento precioso para preservação cultural (BOSI, 2003). No entanto, essa associação entre velhice e sabedoria nas sociedades contemporâneas vinculam-se a atividades tradicionais e a espaços com pouca demanda tecnológica. Segundo Beauvoir (1976):

Muito longe de oferecer ao indivíduo um recurso contra seu destino biológico, assegurando-lhe um futuro póstumo, a sociedade de hoje o rechaça, ainda vivo, para um passado ultrapassado. [...] Outrora, imaginava-se que em cada um, ao longo dos anos, acumulava um tesouro: a experiência. (BEAUVOIR, 1976, p. 468).

De acordo com Paula (2016), da Antiguidade Clássica à Idade Média, a sabedoria associava-se à velhice e havia várias possibilidades de sabedoria. A partir da modernidade, os laços que uniam conhecimento, sabedoria e velhice foram se perdendo com o tempo, à medida que o capitalismo avançava. Atualmente, a força produtiva está diretamente ligada ao desenvolvimento científico e a produção tecnológica.

Nesse sentido, diferente do que ocorreu em tempos remotos, na contemporaneidade, a imagem do velho do velho sábio se liga à tradição e à conservação dos saberes tradicionais, pela impossibilidade do domínio de novos conhecimentos, de conhecimentos ligados à modernidade e as novas tecnologias. Ou seja, se liga ao passado.

### 3. METODOLOGIA

O estudo assume um delineamento qualitativo, documental, com recorte temporal que compreende as décadas de 1990 e 2000. A pesquisa documental foi realizada na revista *Claudia*, entre os anos de 1997 a 2010. Foram selecionadas todas as reportagens em que sujeitos com idade superior a 60 anos figuravam em reportagens sobre locais turísticos e/ou atividades turísticas, a saber: *Porcelanas de Monte Sião: a fábrica de flores azuis* (Casa, Agosto/1999); *O espírito da Serra: a beleza das montanhas do Espírito Santo* (Atualidades, Outubro/1999); *A Trama de Minas: o artesanato dos teares manuais* (Casa, Maio/2000); *A sombra dos Panamá's: os chapéus mais famosos do mundo* (Atualidades, Outubro/2000); *Curitiba: a mesa dos pioneiros* (Casa e Cozinha, Março/2001).

A análise das reportagens foi realizada a partir da proposta metodológica de Mendes (2013) para textos multimodais (verbal e visual). Mendes (2013) sugere que as representações/imaginários, como manifestações discursivas que construímos a partir dos discursos sociais circulantes, não se limitem a linguagem verbal. Por essa razão, a autora propõe que “os imaginários sejam verboicônicos, já que as imagens, sejam elas fixas ou cinéticas, podem também manifestar indícios de como uma dada sociedade cria representações sobre várias questões” (p. 147).

Mendes (2013, p.138) reforça a fluidez de seu método, destacando a importância do percurso metodológico enquanto espaço criatividade: “essa proposta teórico-metodológica quer ser aberta deixando ao pesquisador espaços para que possa eleger os elementos que forem mais relevantes para o seu estudo”.

Após a pré-análise dos resultados pela proposta metodológica de Mendes (2013), os dados foram discutidos à luz de teóricos que contribuíram para elucidação dos fenômenos aqui pesquisados. As obras Beauvoir (1976), Bobbio (1997, 2002), Bosi (2003, 2004), Debert (2004) e Lima (2010) foram utilizadas como base teórica para a análise das reportagens.

### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira reportagem, *Porcelanas de Monte Sião: a fábrica de flores azuis* (Casa, Agosto/1999), retrata a produção artesanal de porcelanas na cidade mineira de Monte Sião,

Minas Gerais, onde está localizada a única fábrica do Brasil que produz porcelanas decoradas em azul e branco, há mais de 60 anos. Por essa particularidade, Monte Sião está na rota turística do estado, que convida o turista ao *tour* dentro da fábrica, a fim de acompanhar o processo produtivo e comprar os artefatos. Segundo a revista, a atividade turística em função da produção de porcelana impulsionou a economia da cidade que, na década de 1960, era basicamente rural e empobrecida.

A cidade de Monte Sião é conhecida como a Capital Nacional do Tricô, além de fazer divisa com cidades que integram o Circuito das Águas Paulista. Segundo dados da Secretaria de Turismo do município (2020), no seu surgimento, as vendas dos artefatos eram realizadas em cidades vinhas e feiras. Com inauguração de uma loja própria, a abertura das visitas à fábrica e a transformação de Monte Sião em cidade turística, o público que visita a porcelana é cada vez maior.

Entre as ilustrações da reportagem<sup>5</sup>, a revista utilizou a imagem de um homem de cabelos brancos, que ostenta uma de suas peças nas mãos e, abaixo da foto, à legenda identificando Antônio Daldosso (69 anos) e sua paixão pelo ofício, que o levou a construir os fornos e os moinhos de sua pequena fábrica.

Com a conjunção dos trechos “tradição dessa cor”; “trabalho milenar, artesanal e caro”; “apego a fábrica”; “que aos 69 anos acompanha de perto toda a produção”; “fez tanto sucesso que seu turno não teve um dia de descanso” (CLAUDIA, 455, p.191-192), a reportagem liga a velhice, ao fazer manual e a tradição, ao mesmo tempo em que aborda uma temática recente, a do velho que, em idade de se aposentar, prefere permanecer no mercado de trabalho, no qual atua de forma vigorosa e apaixonada. Além do proprietário, a reportagem reforça essa produção de sentido pela fala da funcionária Margarida Barbosa, de 66 anos, que ocupa o cargo na fábrica há 36: “daqui só saio quando morrer”.

A segunda reportagem, *O espírito da Serra: a beleza das montanhas do Espírito Santo* (Atualidades, Outubro/1999), tematiza a região turística serrana do estado, conhecida como “pequena Europa”, que reúne descendentes imigrantes europeus e atrai turistas pelo clima, ambiente bucólico, gastronomia, artesanato e festas típicas, dentre outros. A Região das Montanhas Capixabas é composta por oito municípios (Afonso

---

<sup>5</sup> As imagens foram omitidas do artigo, pois como parte do conteúdo desenvolvido pela revista *Claudia*, seus direitos autorais são resguardados pela Lei n.º 9.610, de Fevereiro de 1998.



Cláudio, Brejetuba, Castelo, Conceição do Castelo, Domingos Martins, Laranja da Terra, Marechal Floriano, Vargem Alta e Venda Nova do Imigrante), que tem forte influência europeia, cujos descendentes mantêm as tradições alemãs, italianas, austríacas, pomeranas e polonesas herdadas dos imigrantes. Com seu clima aprazível, cultura, história, música, danças, gastronomia, festas típicas, agroturismo e sua hospitalidade, as cidades e os moradores atraem cada vez mais visitantes, o que faz da região a mais procurada do estado durante o inverno (SETUR/ES, 2020).

A importância do turismo para esta região capixaba está para além da relevância cultural. Se por sua vez, os legados culturais, saberes e fazeres se amalgamam numa trama de festejos, ritos, culinárias e artesanatos, tais processos laborais quando analisados pelas lentes das atividades características do turismo revelam cifras importantes. De acordo com IJSN (2020), o rendimento médio dessas atividades nas Montanhas Capixabas orbita o montante de R\$1245,00, valor superior para o salário mínimo em 2017 (R\$937,00). Por conta disso, é possível constatar que diante a geração de renda, tais atividades são imprescindíveis ao conjunto da população desse território turístico capixaba. Esses dados confirmam a relevância econômica da atividade turística dessa região, conforme citado na reportagem de *Claudia*.

As fotos que ilustram a reportagem incluem as famílias que recebem e hospedam os turistas em suas propriedades e destacam a figura dos velhos que portam símbolos corporais da velhice (cabelos brancos e rugas). O acionamento do Cronos e a representação do velho como guardião da tradição de atividades artesanais, permeada pela noção manutenção do trabalho na velhice, é enfatizado nos trechos: “De pé na porta, Dona Calcida, 63 anos, e seu Máximo Lorenção, 70 anos, recebem os visitantes com a mesma alegria que acolhem um parente vindo de longe. (...) produz saborosos frios, mostra a horta sem agrotóxicos”; “o pomerânio Bruno Kalk, 78 anos: tradições preservadas”; “mantém viva suas tradições, aspecto encantador da região”; “Iria Buzato, 61 anos, que fabrica queijos e iogurtes” e “esse pedaço do Brasil em que as tradições, a natureza e o dia-a-dia entre as lavouras conseguem ter um sabor especial” (CLAUDIA, 457, p.50-54).

A terceira reportagem, *A Trama de Minas: o artesanato dos teares manuais* (Casa, Maio/2000), aborda o turismo decorrente da atividade artesanal têxtil da região sul de Minas Gerais (Resende Costa, Carmo do Rio Claro, Muzambinho e Coronel Xavier). Como afirma Souza (2018), o chamado de artesanato tradicional está em grande medida conectado à



economia cultural e do turismo, e, dessa forma, extrapola as fronteiras do local em redes globais.

Na cidade de Resende Costa, a produção de artigos artesanais atingiu um grande volume e representa o principal atrativo turístico da cidade. Nesse sentido, ampliaram-se as lojas de varejo, cujas vendas são dedicadas e exclusivas para o artesanato têxtil. Em cada esquina, percebe-se um estabelecimento que comercializa produtos têxteis concebidos por artesãos da localidade. Assim, o artesanato têxtil no município de Resende Costa representa uma estratégia socioeconômica para a sua população, se configurando como forte gerador de renda e desenvolvimento local. A prática é passada de geração a geração, se configurando como traço importante da cultura (BATISTA; SOARES JÚNIOR, 2020).

A *Trama de Minas* enfatiza a importância socioeconômica e cultural dessa atividade para os municípios envolvidos, bem como o papel do tecelão, como é o caso de dona Anésia, de 71 anos, referência no ensino da tecelagem de Carmo do Rio Claro:

Não há tecelão que não tenha aprendido a tecer acompanhando as mãos velozes de dona Anésia (...). ‘Se não foi comigo, foi com um de meus alunos. Afinal, eu não conseguiria dar atenção à cidade toda, não é?’, desafia, com um sorriso maroto. Para provar, ela mostra sua preciosidade: o mais antigo tear da região, que veio com ela da roça. ‘Deve ter uns 200 anos, já que Carmo tem quase 120’, calcula. Dona Anésia fala com orgulho de toda uma vida dedicada aos fios de algodão. ‘Meus filhos aprenderam a tecer ainda na minha barriga, ouvindo o barulho do tear’ (CLAUDIA, 464, p 273).

O texto enfatiza um aspecto pouco explorado pelas anteriores, o papel do velho no ensino das atividades tradicionais que impulsionam o turismo local. A personagem entende seu papel e o retrata com orgulho: “eles aprendem comigo” (CLAUDIA, 464, p 273). Em contrapartida, permanece o ideal de produtividade na velhice representado pela figura de uma mulher velha, de 71 anos, de “mãos velozes”, que permanece trabalhando por entender a necessidade do seu papel para a manutenção das atividades artesanais em seu município.

Em quarto lugar, *A sombra dos Panamás: os chapéus mais famosos do mundo* (Atualidades, Outubro/2000), fala da produção do chapéu panamá, que na verdade é produzido em uma cidade do sul do Equador chamada Cuenca e, cuja fabricação artesanal, é considerada uma atração turística local.

Segundo López-Guzmán *et al.* (2017), em 2012, a UNESCO registrou a confecção do chapéu de palha (tipo panamá) como Patrimônio Imaterial da Humanidade e, em decorrência, supõe-se, na maioria dos casos, um aumento significativo no número de visitantes e um aumento na receita econômica derivada do turismo, especialmente nos locais onde esse tipo de peça é fabricada. Associado a esse fato, tem-se o reconhecimento do centro histórico Cuenca, como Patrimônio da Humanidade, pela UNESCO, em 1999. Dentre as motivações para o turismo na cidade, 27% dos respondentes apontou a visita às oficinas e 26% a aprendizagem do processo de fabricação do chapéu. Nesse sentido, compreende-se a importância desse artefato para o turismo local, cuja percepção da maioria dos respondentes refere-se a um produto considerado como “único”.

A imagem da capa da reportagem *A sombra dos Panamá*s foi composta pela figura de Dom Alberto, um velho senescente, apresentando dois chapéus em suas mãos, em frente a sua chapelaria: *La Casa del Sombrero*.

No texto, Dom Alberto foi descrito como “baixinho, rápido e sempre alerta” (CLAUDIA, 469, p.39), trecho que aciona o sentido de atividade (rápido; sempre alerta), como ocorreu nas demais reportagens analisadas. Outras representações sociais da velhice recorrentes são ativadas, como as questões de vínculo com o trabalho e a experiência acumulada, como mostram os excertos: “Dom Alberto dedicou a maior parte dos seus 65 anos dando forma a milhares de panamás”; “rodeado de panamás “artesão sabe o tamanho do chapéu só de olhar para o cliente” e “El Maestro, como é chamado, se tornou uma instituição de seu país: é o único artesão que conhece todos os segredos da manufatura (...)” (CLAUDIA, 469, p.39).

Na quinta e última reportagem *Curitiba: a mesa dos pioneiros* (Casa e Cozinha, março/2001) a revista narra as experiências dos imigrantes europeus e sua influência na culinária paranaense, destacando o vínculo dessas receitas ao turismo local e abordando os aspectos pessoais dos imigrantes com as receitas e as histórias envolvidas nesse universo. Além das receitas originais, a reportagem destacou a influência local na construção dos sabores: “Junte a herança indígena e os costumes dos tropeiros que cruzavam o local para entender mosaico culinário em que toda essa área se transformou” (CLAUDIA, 474, p.179).

Nas imagens da reportagem figuravam pessoas com idade avançada, preparando as receitas e, alguns casos, vestindo trajes típicos do local de origem. No texto, as palavras

origem, preservar e tradição foram utilizadas como marcadores do lugar ocupado pelo velho nesse espaço, o de guardião dos saberes tradicionais, como pode ser visto em: “Nem só de barreado vive a culinária do Paraná. Na capital e nos arredores, italianos, poloneses, ucranianos e tropeiros fincaram raízes na cozinha com temperos exóticos e apego às tradições” (CLAUDIA, 474, p.179) e “Pedro Bilonick, que deixou a Ucrânia aos 11 anos e correu mundo por mais dez até anos até se instalar no Brasil. Ele e a esposa, Sênia Ochrym Bilonick, preservam o que podem do cardápio de seu país” (CLAUDIA, 474, p.183).

De modo geral, nota-se que as reportagens acionam imaginários sociais que ligam o velho à memória coletiva, à tradição cultural e ao fazer manual, mas, ao mesmo tempo, incorporaram ideais produtivos atuais ligados à noção de Envelhecimento Ativo (ILC-BRASIL, 2015) e ao “novo velho”. Para Debert (2004) é nessa perspectiva que o tratamento da aposentadoria é guiado por novo ideal produtivo. O pressuposto defendido pela gerontologia é o de que o abandono do trabalho leva a uma situação traumática que envolve a perda da autoidentidade e do equilíbrio psicológico.

Haddad (2017) corrobora a visão de Debert (2004) ao afirmar que o trabalho segue sendo indicado como a melhor terapia para o envelhecimento. Desta forma, a proposta da abolição da aposentadoria por tempo de serviço se faz presente em discursos de gerontólogos. A realidade vivida na sociedade de classes brasileira é encoberta: o trabalho assalariado aparece como remédio para que a vida do homem continue tendo sentido. De forma sutil, está sendo questionada a aposentadoria. Assim:

[...] corpos que há muito já ‘não são bons’ para o trabalho, voltam a ser requisitados pelo mercado, pelo ‘mérito’ da falta de exigência da carteira assinada, do passe livre em transportes, da fila especial e mais rápida nos bancos e pelas virtudes, até então não capitalistas, da paciência, da experiência e da criatividade cotidianas. E com isso sentindo-se mais saudáveis: “já não durmo de dia”, “a coluna parou de doer” (BRITTO DA MOTTA, 2002, p.48)

Cabe lembrar que um percentual significativo da população brasileira é pobre e/ou responsável pelo provimento orçamentário de sua família, sendo assim, em muitos aspectos, a permanência no trabalho é romantizada enquanto desejo, quando não passa de mera necessidade.

Por outro lado, a valorização de sua experiência no trabalho constitui um ativo para esses velhos, à medida que uma das representações sociais positivas da velhice, liga-se à

sabedoria e à experiência acumulada em decorrência dos anos, como mostram Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999), Rougemont (2012) e Viera (2015). Assim, a permanência no trabalho pode ultrapassar questões econômicas, vinculando-se a aspectos de pertencimento e reconhecimento social. Como afirma BOSI (2004, p, 22):

O ancião não sonha quando rememora [...]. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.

É nesse sentido que a valorização do velho e seu envolvimento com atividade turística, calcada no conhecimento e na experiência acumulada, deslocam esses sujeitos do lugar social da inutilidade e deterioração e os coloca no em outro lugar, que remonta à visão antiga em que o velho representa: o saber, o conhecimento, a reflexão, a sabedoria, a inteligência, entre outros (MEIRA *et al.*, 2015).

Destaca-se que os velhos das reportagens ocupavam-se de afazeres artesanais que, muitas das vezes, não despertam interesse nas faixas etárias mais jovens. como foi expresso na fala da tecedeira Dona Francisca: “(...) se o preço subisse, as moças, que hoje têm pouca intimidade com a tesoura, também cortariam. ‘Essas meninas acordam tarde e só pensam em namorar’, declara” (CLAUDIA, 464, p 273). Portanto, mesmo em idade avançada, os velhos parecem obrigados a dar continuidade do trabalho em prol da memória coletiva e da preservação de determinado processo, que potencialmente seria perdido pelo iminente desinteresse por parte dos jovens, reforçada pela imposição da atividade turística nesses locais.

Nota-se que as reportagens ligam o velho ao passado. Conforme Bosi (2004), existe, nesse sentido, uma preocupação com a degradação da experiência no que ela tem de pessoal e de crítico, já que vivemos imersos na era da informação excessiva e o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto. Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, de rememorar, de perpetuar certos saberes e conhecimentos, funcionando como um instrumento precioso para preservação cultural. Assim, espera-se que:

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, ‘pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de

sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias' (BOSI, 2004, p. 74).

Entende-se, ainda, que a preservação da memória e do patrimônio cultural deve servir como um exercício de educação patrimonial, como forma de sensibilizar os velhos para o compromisso com a memória, com a história e com as próprias ações vivenciadas cotidianamente, na construção da história individual e coletiva (LIMA, 2010).

Nas reportagens analisadas, nota-se, ainda, a presença de um tipo de memória que ultrapassa os limites da memória-hábito – ou seja, a memória dos mecanismos motores, que é automática – funcionando como memória autobiográfica, marcada pela presença de objetos biográficos, que envelheceram com o possuidor e se incorporam à sua vida, na qual cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva (BOSI, 2003). Essa memória está presente nos trechos das falas de Antonio Daldosso, de 69 anos, “apego a fábrica” e de dona Anésia, de 71 anos, “ela mostra sua preciosidade: o mais antigo tear da região, que veio com ela da roça”.

Nesse sentido, *Claudia* representa os velhos artesãos associados a: 1) atividade, vigor físico e disposição, condizentes com o perfil do “novo velho” e as propostas do “Envelhecimento Ativo”; 2) novo ideal de produtividade, ou seja, a permanência do velho no mercado de trabalho, mesmo quando poderia gozar da aposentadoria, vinculando o trabalho ao lazer; 3) guardião das tradições, das atividades artesanais e da memória social local e 4) reconhecimento social da experiência acumulada no mundo do trabalho.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo da pesquisa - conhecer a representação de velhos em locais turísticos marcados por práticas artesanais, tendo como referência as reportagens veiculadas pela revista *Claudia*, nas décadas de 1990 e 2000 – conclui-se que os velhos estiveram associados à noções de sabedoria, tradição e conhecimento acumulado, apoiadas nos ideias do Envelhecimento Ativo e de permanência da produtividade, sem vínculo com o processo de aposentadoria.

Destaca-se que, por se tratar de locais marcados pela atividade turística, os conhecimentos acumulados, os saberes tradicionais e o fazer manual preservados pela

atuação desses velhos representam um incremento na oferta turística, marcada pelos aspectos culturais. Assim, há um incentivo econômico e social para que tais sujeitos permaneçam envolvidos nas atividades que desenvolveram ao longo do seu curso de vida.

Por fim, ressalta-se que as conclusões apresentadas pelo artigo se limitam a análise das reportagens da revista *Claudia*, durante o período de 1997 a 2010. Assim sendo, faz-se necessário conhecer as percepções diretas desses sujeitos sobre os temas trabalho, tradição e memória. Nesse sentido, espera-se que pesquisas futuras possam realizar tais investigações.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Érica Nascimento; NONATO, Alice Alves Menezes Ponce de Leão. Velhice, memória e cultura: um estudo sobre as representações de ser idoso na área urbana do município de Parintins – AM, **RELEM - Revista Eletrônica Mutações**, p. 361-364. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/3606>. Acesso em: 12 de mar. 2020.

BARROS, Regina Duarte Benevides de Barros; CASTRO, Adriana Miranda. Terceira Idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”. **Estudos interdisciplinares do envelhecimento**, v. 4, p. 113-124, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4723>. Acesso em: 12 de mar. 2020.

BATISTA, Fabiano E.; SOARES JÚNIOR, Glauber. Tramas de minas: o artesanato como atrativo turístico e gerador de emprego e renda. **Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação**, v. 2, n. 3, 2020, p. 107-115. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/raei/article/view/3254>. Acesso em: 25 nov. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1976.

BOBBIO, Norberto; VERSIANI, Daniela; LAFER, Celso. **O tempo da memória**. De senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOBBIO, Norberto; VIROLI, Maurizio. **Diálogo em torno da república**: os grandes temas da política e da cidadania. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Envelhecimento e sentimento do corpo. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza Minayo; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A., (org.) Antropologia, saúde e envelhecimento [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. **Antropologia & Saúde Collection**, pp. 37-50. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2019.

CLAUDIA. Porcelanas de Monte Sião: a fábrica de flores azuis. **CLAUDIA**, n. 455, p.191-193, agosto, 1999.

CLAUDIA. O espírito da Serra: a beleza das montanhas do Espírito Santo. **CLAUDIA**, n. 457, p. 50-55, outubro 1999.

CLAUDIA. A Trama de Minas: o artesanato dos teares manuais. **CLAUDIA**, n. 464, p 268-279, maio, 2000.

CLAUDIA. A sombra dos Panamás: os chapéus mais famosos do mundo. **CLAUDIA**, n. 469, p.38-45, outubro, 2000.

CLAUDIA. Curitiba: a mesa dos pioneiros. **CLAUDIA**, n. 464, 179-187, março 2001.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp/Fapesb, 2004.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. 2 ed. Cortez: São Paulo. 2017.

IJSN - INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. A economia do turismo no Espírito Santo. INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES/ES. Vitória: IJSN, 2020. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/6802>. Acesso em: 15 marc. 2020.

ILC – BRASIL, CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE DO BRASIL. **Envelhecimento Ativo**: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Rio de Janeiro: ILC BRASIL. 2015. 119 p.

LIMA, Livia Morais Garcia. Turismo, cultura e velhice bem-sucedida: contribuições para a elaboração de atividades turístico-culturais para idosos no contexto de fazendas históricas paulistas. **Dissertação** (Mestrado em Gerontologia) – Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas, Campinas (SP), UNICAMP, 2010. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/76666/turismo-cultura-e-velhice-bem-sucedida-contribuicoes-para/>. Acesso em: 12 mar. 2020.

LÓPEZ-GUZMÁN, Tomás *et al*. El patrimonio inmaterial de la humanidad como herramienta de promoción de un destino turístico. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 26, n. 1, p. 568 – 584, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1851-17322017000300004](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1851-17322017000300004). Acesso em: 12 de mar. 2020.



MEIRA, Ariadne Messalina Batista. Resignificando o lugar da velhice através da benzeção: a valorização da tradição e do saber popular. In: Congresso Internacional do Envelhecimento Humano – CIEH, 4, 2015. **Anais CIEH**, v. 2, n. 1. Campina Grande – PB, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/12778>. Acesso em: 12 de mar. 2020.

MENDES, Emília. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. Mendes, Emília *et al.* (org.) **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2013. pp. 125-56.

PAULA, Marcos Ferreira. Os idosos do nosso tempo e a impossibilidade da sabedoria no capitalismo atual. **Serviço Social e Sociedade**, n.126, pp.262-280, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/KpPCVCRHWMZYRRpR3f76bVq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 de mar. 2020

ROUGEMONT, Fernanda dos Reis. Da longevidade à velhice. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 2, p. 12-27, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/45943>. Acesso: em 12 de mar. 2020.

SETUR/ES. Regiões Turísticas do Espírito Santo. **SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**. Disponível em: <https://setur.es.gov.br/Media/setur/Setur/Releases/Regi%C3%B5es%20Tur%C3%ADticas%20do%20Esp%C3%ADrito%20Santo.pdf> . Acesso em: 15 marc. 2020.

SECRETARIA DE TURISMO DE MONTE SIÃO. Porcelana Monte Sião, a única porcelana azul e branca feita artesanalmente do Brasil. Turismo em Monte Sião. Disponível em: <http://turismoemmontesiao.com.br/porcelana-monte-siao-unica-azul-e-branca-do-brasil/>. Acesso em 12 de mar. 2020.

SOUZA, Cristiane Natalício. Artesanato de tradição do tear em Resende Costa, MG: trabalho, produção e comércio. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais), PUC Minas, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais\\_SouzaCN\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_SouzaCN_1.pdf). Acesso em: 12 de mar. 2020.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v.12, n.2, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/VCfX7sxTFPjKYBJgnYVDbpv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 de mar. 2020

VIEIRA, Rodrigo de Sena e Silva; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas psicologia**, v. 23, n.4, p. 947-958, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000400012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400012). Acesso em: 12 de mar. 2020.

